SERMAÕ
PANEGYRICO
DE ACÇAÕ DE GRAÇAS
Na ſolemne Feſta, que pelas melhoras
DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE
D. ANTONIO
FIZERAM OS SEUS CRIADOS NA REAL CAPELLA de N. S. das Neceſſidades, eſtando expoſto o SS. Sacramento nas Puriſſimas Mãos da Senhora.

DADO Á LUZ, E OFFERECIDO
A SUA ALTEZA,
Por ſeu fideliſſimo Criado
ROQUE BAUTISTA DE MIRANDA.

PREGOU-O
O M. R. P. Fr. MANOEL RODRIGUES,
Da Regular Obſervancia do Patriarcha S. Franciſco.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina SYLVIANA, da Academia Real.

M. DCC. XXXIX.
Com todas as licenças neceſſarias.

L 3320
2|564

LD
18
75

LD
252.04
R696 se

4
288

SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

DEDICO a Vossa Alteza o Panegyrico, que na execuçaõ do nosso voto recitou na Real Capella

3/568

Capella da Senhora das Neceſſidades o Padre Fr. Manoel Rodrigues; porque incitando o univerſal applauſo dos ouvintes o Real deſejo de Voſſa Alteza para o ver, deſejamos todos, que na luz do prélo ſe tenhaõ por diminutos aquelles louvores, quando mereça o diſcreto, e eruditiſſimo Panegyrico, o Real agrado de Voſſa Alteza. Juſto foy, Senhor, que elegeſſemos para ſabio Panegyriſta das noſſas glorias, quem fino nos havia acompanhado nas penas; pois ſó quem participou com igual-

igualdade do noſſo ſentimento, podia explicar com acerto o quanto nos foy ſenſivel aquella dor. Voſſa Alteza ſe digne receber a offerta como victima da noſſa vontade obrigada; que algum dia haviaõ de ter que offerecer os ſervos a hum Senhor, que em todo o tempo reparte. E como he juſto, que ſe imprimaõ no papel as circunſtancias do Milagre, para que ſeja duravel a ſua memoria; e ſe eſtampe nos noſſos coraçoens a grandeza do favor para hum perpetuo agradecimento; ſatiſfazen-

4|564

fazendo agora ao que conhece o noſſo amor neceſſario, naõ faltaremos em todo o tempo ao que julga a noſſa obrigaçaõ preciſo. Deos, e ſua Santiſſima Mãy, guardem a Voſſa Alteza, pelos annos, que todos deſejaõ, e inceſſantemente pede o fideliſſimo

Criado de Voſſa Alteza

Roque Bautiſta de Miranda.

LICEN-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria, da Sagrada Familia dos Agoſtinhos Deſcalços, Lente na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Relaçaõ Eccleſiaſtica Oriental.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

NAõ neceſſita de approvaçaõ eſte egregio, famoſo, e eloquente Panegyrico gratulatorio; porque antes que ſe recitaſſe, eſtava cabalmente approvado no objecto, no motivo, e no Orador. O objecto: a beneficencia Divina empenhada por huma Soberana Princeza, de cujas Mãos diſpende Deos nas mayores neceſſidades os remedios. O motivo:

5/564

motivo: o agradecimento de hun fieis Criados, reſtituidos à vida na vida do ſeu Principe, e animadas as ſuas almas nas milhoras do Sereniſſimo Senhor Infante. O Orador: Principe da erudiçaõ, e eloquencia, ſenaõ he a meſma eloquencia, e erudiçaõ Cherubica, e Serafica: e quando concorrem taes circunſtancias no Sermaõ, antes de o ver a luz publica, a Cenſura he ocioſa por ſer a approvaçaõ preciſa.

Se foy preciſo no Decreto Divino (que eſtes nunca ſaõ condicionaes) a fatalidade de taõ atroz moleſtia, e tyranna doença, para que Sua Alteza, que Deos guarde por immortaes ſeculos, conheceſſe o amor dos Portuguezes, e comprovaſſe a fidelidade de ſeus amantes Criados; naõ he menos preciſo aſſeverar ſeria arduo, e incrivel, ſe eſcolheſſe para declamar taõ grandes miſericordias, dignas de eternas gratificaçoens, hum Orador, que naõ uniſſe a eloquencia com a pureza da noſſa Santa Fé, e a elegancia com o mais util aos bons coſtumes.

Coſtume he quaſi univerſal em o Mundo ir desfalecendo com os alentos da vida nas infirmidades, e tribulaçoens, o amor, e agradecimento dos amigos, e criados, ainda

os

os mais leaes, e favorecidos; porém os deliquios de ſua Alteza incitavaõ, moviaõ, e deſpertavaõ univerſalmente nos coraçoens Portuguezes os clamores, e nos peitos da ſua familia os ſuſpiros, para impetrarem, conſeguirem, e alcançarem da Piedade Divina as melhoras de achaque taõ maligno, a reſtituiçaõ da ſaude perfeita, e a conſervaçaõ de huma vida, de quem tantas dependiaõ.

A todos ouvio o Ceo, porque ſe commoveo a Divindade a tantos rogos; pois tomaraõ por valedora na extrema neceſſidade aquella Senhora, a quem ſe naõ nega o que pede; porque tendo de Mãy os poderes, o ſeu pedir he mandar. Para reſtituir a ſaude do Mundo perdida, arruinada, e morta, mandou o Eterno Pay ſeu Filho; ao meſmo Filho mandou tambem a Mãy, para que ſe reſtauraſſe a ſaude do Sereniſſimo Senhor Infante D. Antonio. Aquelle foy hum beneficio, com que eſtremeceraõ os Celeſtes Orbes; e eſta foy huma merce, que fez paſmar toda a circumferencia da terra; e aſſim pedia hum agradecimento igual, e huma gratificaçaõ condigna, e ſó podia ſer cantando Anjos humanos, e orando hum Serafim corporeo. Cheya de gloria vimos todos a noſſa terra com aquellas

 melho-

6/564

melhoras, e com eſta acçaõ de graças; porque na Corte, no Altar, no Pulpito, e no Coro ſe vio, e ouvio o meſmo, que tinha viſto, e ouvido Iſaias.

Com grandes invejas de naõ ſer eu o primeiro na execuçaõ de agradecido, aſſim como o tinha ſido na intençaõ empenhado, fuy dos aſſiſtentes de taõ glorioſo acto; e certamente à viſta de tanto primor podiaõ deſanimar os meus deſejos cobardes, e ſuſpenderemſe os meus votos temeroſos de naõ encherem todos os numeros das minhas inexplicaveis obrigaçoens, muitas, e infinitas vezes repetidas, e participadas na leal Familia dos NUNES; mas perſuadiome, e animoume a proſeguir meus juſtificados deſignios, ſaber, que he axioma Filoſofico, que o que he primeiro na intençaõ, deve ſer ultimo na execuçaõ; e que para louvar a Deos, e a ſua Santiſſima Mãy por eſte favor maximo, e incomparavel, naõ baſtaõ ſó Anjos, e Serafins imitadores dos do Empyreo; ſerá tambem juſto, e devido, que ſayaõ os *Grillos* das cóvas em Boa-Hora a applaudillo, e feſtejallo com jubilo, e conſolaçaõ.

Naõ póde faltar eſta extremoſa, ainda repetindo-ſe muitas vezes a liçaõ deſtes diſ-

curſos

curſos eloquentiſſimos, que para ſe immortaliſarem no prélo, ſó falta a juſta licença de Voſſa Eminencia Reverendiſſima. Lisboa Occidental. Convento da Boa-Hora dos Agoſtinhos Deſcalços, 23 de Julho de 1739.

Fr. Antonio de Santa Maria.

VIſta a informaçaõ, pode-ſe imprimir o Sermaõ, que prégou o Padre Fr. Manoel Rodrigues; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 24 de Julho 1739.

Fr. R. de Alancaſtre. *Teixeira.* *Sylva.*
Soares. *Abreu.*

Do

7/564

Do Ordinario.

PO de-ſe imprimir o Sermaõ, que ſe apreſenta; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, para que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 24 de Jdlho de 1739.

Gouvea.

Do

Do Paço.

Approvaçaõ do M. R. P. M. D. Joſeph Barboſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das tres Ordens Militares, Chroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança, Academico do Numero da Real Academia da Hiſtoria Portugueza, &c.

SENHOR.

POr ordem de Voſſa Mageſtade vi o Sermaõ, que o Padre Fr. Manoel Rodrigues, Religioſo da Obſervancia de S. Franciſco, prégou na occaſiaõ, em que os Criados do Sereniſſimo Infante D. Antonio renderaõ as graças a Noſſa Senhora das Neceſſidades pela ſaude de ſeu Amo. O alvoroço correſpondeo ao ſuſto, e hum naõ podia ſer mayor, ſe ſe medir pela grandeza do outro. As eſperanças, que pareciaõ cegueira do amor, que tarde ſe coſtuma deſenganar, paſſaraõ a ſerem as precurſoras da vitoria da infirmidade. Nunca o amor ſe moſtra mais valeroſo, como quando ſe vê cercado dos mayores inimigos. Chegou aquella

8/564

aquella Real vida a taõ laſtimoſo eſtado, que eſperar a ſua melhoria, mais pendia de beneficio do Ceo, que dos remedios do Mundo. A Real benevolencia do enfermo fez oradores a todos os Portuguezes; e naõ ſe devia de eſperar da piedade Divina, que ſe fizeſſe ſurda aos rogos de tantos, quantos eraõ os intereſſados naquella ſaude. A tudo attendeo a ſciencia do Prégador, conhecido já pelo ſeu grande talento, porque ponderou todas as circunſtancias daquelle evidentiſſimo perigo com Eſcrituras taõ proprias, que parecem inventadas: e quando elle naõ fora taõ erudito, como todos ſabem, a meſma materia lhe havia de miniſtrar os conceitos; porque em hum motivo de geral alvoroço, naõ ſó os homens, mas ainda as meſmas pedras ſe haõ de moſtrar obſequioſas, e eloquentes. E como neſte papel naõ vejo couſa alguma contra o Real ſerviço de Voſſa Mageſtade, me parece digniſſimo da licença, que ſe pede para ſe haver de imprimir. Voſſa Mageſtade mandará o que for mais do ſeu Real agrado. Lisboa Occidental. Neſta Caſa de Noſſa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 26 de Julho de 1739.

D. Joſeph Barboſa, Clerigo Regular.

Que

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornará a eſta Meſa para ſe conferir, e taixar, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 27 de Julho de 1739.

Pereira. Teixeira. Coſta. Doutor Coelho.

Eſtá

9/564

Está confórme com o ſeu Original. Liſboa Occidental, Convento da Boa-Hora dos Agoſtinhos Deſcalços, 21 de Agoſto de 1739.

Fr. Antonio de Santa Maria.

Viſto eſtar confórme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental, 21 de Agoſto de 1739.

Fr. R. de Alancaſtre. Sylva. Soares. Abreu.

Viſto eſtar confórme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental, 21 de Agoſto de 1739.

Gouvea.

Que poſſa correr. Lisboa Occidental, 22 de Agoſto de 1739.

Pereira. Coelho.

Beatus

Beatus venter, qui te portavit. Luc. cap. 11.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

SOBERANO, E DIVINO SENHOR SACRAMENTADO.

AO animado Templo das Neceſſidades, e ao vivo Centro das medicinas, vem hoje a render graças por hum milagre de ſaude, aquelles, que tambem ſentiraõ as violencias do achaque. Sendo o temor cruel verdugo, que os martyriſava, naõ ſugeitaraõ o diſcurſo ao rigor de tantas penas, porque ſacrificando os coraçoens para os repetidos golpes do martyrio, deixaraõ livre o entendimento para diſcorrer remedio a tanto mal. Advertindo, como diſcretos, que para huma infirmidade, de quem deſconfiavaõ Medicos humanos, era deſacerto buſcar no caduco a Medicina; naõ recorreraõ ao Tem-

10/564

plo de Eſculapio, que alli com dinheiro comprava o enfermo a ſaude; appellaraõ ſim para eſte Templo, que aqui com rogos tem remedio a infirmidade, por ſer eſta Senhora, como diz S. Joaõ Damaſceno, o Centro das medicinas: *Fons perennis curationis, unicum moleſtiarum levamen, omnium dolorum cordium medicamentum.*

Damaſcen. apud Villar. Taul. 2. did. 4. fol. 83.

Como ſombra da piedade deſta Senhora, venero huma ſuperſtiçaõ do cego Gentilismo. Dedicaraõ os antigos dous Templos, num conſagrado à Neceſſidade, e tambem à Violencia; ſendo prohibido aos neceſſitados, e afflictos a que pudeſſem penetrar as ſuas profanas aras: *Neceſſitatis, item & Violentiæ Templum ibi extat, quod ingredi non licet.* Superior porém àquelle Templo, eſtava outro dedicado à Mãy dos Deoſes: *Supra id Matris deorum Templum.* Para verdadeiro culto deſta puriſſima Senhora, e para viviſſima norma do ſingular motivo, que preciſa a noſſa obrigaçaõ a eſte Real agradecimento, parece ideou a Gentilidade aquella ſuperſtiçaõ fabuloſa. Reconhecemos todos os mortaes o Templo da Neceſſidade, e da Violencia, o qual

Pauſan. lib. 2. pag. 63.

qual fabri ando o primeiro Principe do Mundo com os materiaes da culpa, logo no ſeu principio experimentou ruinas. A todos nos he licito entrar naquelle Templo, porque a natureza, que a todos manda, a todos nos ſacrifica nas ſuas preciſas aras; ficando ſugeitos ao penoſo ſacrificio o Principe mais ſoberano com o Vaſſallo o mais humilde. Mas oh diſpoſiçaõ da Divina Providencia! Para impedir taõ anticipado ſacrificio, e para reparar o damno, que havia de cauſar taõ intempeſtiva perda, vemos ſuperior ao Templo da Neceſſidade, e da Violencia, eſte Templo da Mãy de hum Deos, para que ſacrificadas aos ſeus ſoberanos pés as neceſſidades, rendidas igualmente as violencias, humas, e outras ſe levantem melhoradas, e neſta acçaõ de graças ſe proſtrem agradecidas. E como a pena, que foy mais aſpera, e dura para a paciencia, he mais doce, e ſuave para a memoria, como diſſe Seneca o Tragico: *Quod fuit durum pati meminiſſe dulce eſt*; e he juſto expreſſar o motivo daquellas penas paſſadas, e a cauſa de tanta gloria preſente, rogo me atttendaõ.

11/564

No dia 24 de Abril, que, como chegou a Lua ao Signo de Sagittario, nos ferio inconſtante com agudas ſettas, ouvimos dizer, naõ com vozes de Iſaias Proféta, ſim com lagrimas dos mais nobres, e fieis Vaſſallos, que reconhecem todas as Naçoens aos ſeus Principes; ouvimos dizer (porque tambem fallaõ os olhos: *Neque taceat pupilla oculi tui*) que no Real Jardim de Lyſia, cahira com perigo de morte huma bella Flor: *Cecidit flos, quia ſpiritus Domini ſufflavit in eo.* Logo entendemos (ſe dava apena lugar a diſcurſos) ſer o Sereniſſimo Senhor Infante D. Antonio, porque: *Antonius dicitur ab Anthos, qui Latinè florem ſignificat.* E ſe quando cahio enferma aquella flor do Libano, de quem falla o Proféta Nahum: *Et flos Libani elanguit*, ſe introduziraõ a ſentimentos os montes, e os valles diſcorrendo com mudo inſtincto as triſtes conſequencias de taõ perigoſa infirmidade: *Montes commoti ſunt : : : & omnes habitantes in eo*; naõ direy, que os ſete montes, em que eſtá fundada eſta rica, e populoſa Corte, ſe commoveraõ ſentidos, mas que todos os ſeus nobres habitadores ſe moviaõ

Jer. Thren. cap. 2. verſ. 18.

Iſai. cap. 40. verſ. 7.

Rodulph. in vita D. Anton. Paduan.

Nahu. c. 1. verſ. 4.

Verſ. 5.

viaõ ſobre'altados: *Commoti ſunt ab eo.* Enfermou a Sereniſſima Flor! *Flos elanguit!* E que flor? Aquella chamada Coroa Imperial, de quem conta Franciſco Raulino, que deſtilla de ſi copioſas lagrimas, ſemelhantes em tudo às finas pedras Beryllos, lavrando dellas huma rica, e viſtoſa Coroa: *Corona Imperialis.* *Obſervat Franciſcus Raulinus, quod floris huus medulla nativis lachrymis ſit coronata, eaſque veluti liquidos, ac roſcidos Beryllos deſtillet.* Pic. Mund. ſymb. lib. 11. cap. 8. n. 43.

Sabem todos, que he o noſſo Sereniſſimo Infante, flor por Antonio, e flor por Coroa Imperial; pois o ſeu Regio, e alto tronco o vemos coroado de tantas Imperiaes Coroas, que ſeria offenſa a tanta grandeza reduzir a numero taõ altos progenitores. Flor Imperial, que com lagrimas ſe corôa: *Quod floris hujus medulla nativis lachrymis ſit coronata*; ou já, porque no dia, em que o mayor Infante da terra ſe unio com o Supremo Rey da Gloria, recebendo o Santiſſimo Sacramento por Viatico, quiz duvidar a viſta, ſe aquelle deſejo do Proféta lacrimoſo ſe via na Real cabeça bem logrado: *Quis dabit capiti meo aquam, & oculis meis fontem lachrymarum?* Jerem. c. 9. verſ. 1.

ou

12/564

ou porque recebe taõ benigno s lagrimas dos pobres, e faz dellas tanto apreço, que naõ ſe ſatisfazendo o ſeu amor com abrir ſempre as mãos para ſoccorrer os neceſſitados, poem ſobre a ſua cabeça as lagrimas para ſe lembrar de novo ſoccorro: *Quod floris hujus medulla nativis lachrymis ſit coronata.*

Porém Deos, ainda que deſejava levar para ſi aquella ditoſa Alma, porque a vio purificada em hum vivo, e abraſado incendio de amor, e que os repetidos actos de Catholico na Regia Camera elevavaõ a chamma ao ſublime Palacio da eſféra, ſe vio obrigado a ſuſpender o golpe da Parca, por naõ acabar com huma morte tantas vidas. Ouvio compaſſivo as noſſas ſentidiſſimas preces, e attendeo benigno às lagrimas dos fideliſſimos criados do Sereniſſimo Senhor Infante, que com ardentes ſuſpiros informavaõ a eſféra da ſua dor, para que mandaſſe remedio a tantas penas. Diſcorreraõ no triſte lance, que ſe era officio da ſua obrigaçaõ o ſervir a Sua Alteza nos goſtos, e felicidades; era juſto acompanhallo nas penas, e amarguras: como bem ao intento o havia dito o Chryſoſtomo: *Officium*

ficium gra famuli, eſt, non ſolùm gratum eſſe domino, quando ubertim ſuccedunt omnia; ſed in adverſis eandem gratitudinem declarare. Prometteraõ a eſta Puriſſima Senhora eſte reverente culto, que hoje offerecem, como rendida acçaõ de graças, ſe ao Sereniſſimo Senhor Infante reſtituiſſe logo a ſaude. A Senhora, que tem por officio ſoccorrer os neceſſitados, e livrar de perigo os ſeus devotos: *Liberatrix eorum, qui in neceſſitatibus verſantur, à Deo conſtituta*; a Senhora, que como Soberano Medico póde, e nos deſeja reſtituir a ſaude: *Medica, quæ nos poteſt, & deſiderat perfectè ſanare*; a Senhora, que he Centro das medicinas da vida para extinguir ardentes febres: *Medicina vitæ, febres pellens mortalium, ſervans à ruina*; aſſegurou a Sua Alteza a ſaude nos principios da melhora, e livrou aos ſervos da morte, concedendo ao Senhor a vida. Sendo juſto, que deſta Senhora digamos, o que já diſſe o devoto Claudiano:

S. Joan. Chr. homil. 40. poſt med. col. 337. B.

Damaſc. in Paracl. B. Virg.

Maurit. Serm. 7. Coron. B. Virginis.

Idem lib. 3. de mirac. B. Virginis.

Publica morborum Requies: commune medentûm
Auxilium: præſens Numen: inempta Salus.

Por

12|564

Por taõ ſingular beneficio offerecem hoje eſta acçaõ de graças, com ſingular proporçaõ no que admiro, ainda que os ſeus nobres coraçoens deſconhecem igualdade ao que deſejaõ. Porque ſe a acçaõ de graças para ſer perfeita, deve medir os officios da correſpondencia pelo exceſſo do favor: *Ubi maior eſt gratia ex parte dantis, ibi requiritur maior gratiarum actio ex parte recipientis*; conſiderando no grande favor, que devem, parece aos ſeus olhos pequeno o nobre ſacrificio, que fazem. E para breve deſempenho de tanta gloria recorramos às breviſſimas clauſulas do noſſo Euangelho.

D. Thom. quæſt. 106. art. 2. in princ.

Conta o Sagrado Euangeliſta S. Lucas, que admirando huma diſcreta matrona hum milagre de Chriſto, rendera graças a eſta Puriſſima Senhora, chamando bemaventurado o ſeu Santiſſimo ventre: *Beatus venter, qui te portavit.* Venero o eſtylo, e modo de agradecer, porque dando graças à Mãy por hum milagre do Filho, he obrigar o Filho a que continue os ſeus prodigios. Porém reparo, que póde diſcorrer a ignorancia, naõ ſer o milagre do Filho, quando ſaõ os louvores da Mãy.

Mãy. Reſpondo, que como he milagre de ſaude, e foy a Senhora quem deu ao Mundo taõ Soberano Medico para applicar aos neceſſitados enfermos Celeſtiaes medicinas, dá Marcella juntamente louvores ao Filho Divino, quando rende graças à Mãy Soberana. O douto Padre Sylveira: *Videns mulier Chriſti beneficentiam in hominem, laudat eum in Matre ſua : : : Per Virginem Mariam enim, omnia nobis ſalutaria, ac benefica.* Reparem agora no que diz Santo Anſelmo, fallando com eſta Puriſſima Senhora. Naõ ha ſaude para os noſſos achaques, ſenaõ aquella, que do voſſo medicinal Ventre déſtes, Senhora, ao Mundo: *Non eſt ſalus, niſi quam tu, Virgo, peperiſti: tu igitur, ò Maria, verè es Arbor ſalutis, quæ Mundo portaſti fructum ſalutis.* Eſte fruto, diz o meu preclariſſimo Doutor S. Boaventura, he em tudo generoſo, por ſer de hum ventre Real, naõ ſó por ElRey David, que ſendo filho de Iſay, he filho da ſaude: *Iſai*, diz Laureto, *juxta Gregorium, ſalus Domini, ſive ſalus*; mas ſim por todos os ſeus nobres, e Reaes Progenitores: *Generoſus eſt fructus iſte, quia de utero Regali eſt,*

Sylv. addit. in Luc. cap. 11. quæſt. 4.

D. Anſelm. apud Bonavent. ſpecul. B. Virg. t. 6. pag. 457. l. B.

Laur. Sylv. Alleg.

D. Bonav. ſpecul. B. Virg. t. 6. pag. 456.

14|564

non ſolùm propter David Regem, ſed & propter omnes illos nobiles Reges progenitores ſuos. No que claramente vemos ſahir de hum Regio, e Bemaventurado ventre, a ſaude para hum Real Infante. E ſe Marcella para render graças por hum milagre de ſaude, ponderou primeiro a grandeza do prodigio, elogiando o Filho na virtude da Mãy: *Laudat eum in Matre ſua*; ſerá o meu empenho, referir as excellencias do noſſo milagre, para que das ſuas circunſtancias conheça o Mundo, que à Mãy, e Filho devemos a ſaude do noſſo Sereniſſimo Infante; e que a Filho, e Mãy, devemos render as graças, por haverem com hum ſó milagre reſtaurado tantas vidas. E para que a minha grande, e conhecida obrigaçaõ ſe poſſa deſempenhar em parte, neceſſito de todo o favor da Divina graça.

AVE MARIA.

Beatus

Beatus venter, qui te portavit.
Luc. cap. 11.

§. I.

PARECE pequeno volume toda a Eſcritura Sagrada para ponderar com os ſeus Textos a grandeza deſte maravilhoſo culto, ſe os Juriſtas nos naõ ſervem com as ſuas Leys para definir taõ reverente applauſo. Os ſervos, diz Ulpiano, naõ devem antepor a ſua vida aos desfalecidos alentos de ſeu Senhor: *Servi quoties Dominis ſuis auxilium ferre poſſunt, non debent ſaluti eorum ſuam anteponere.* Quando virem (proſegue) a ſeu Senhor em perigo, eſtaõ obrigados a defenderlhe a vida, naõ ſó com vozes, para que acudaõ os diſtantes, ſim com as forças do braço para credito do ſeu amor: *Non ſemper qui clamore uſus eſt, auxilium tuliſſe videtur. Quid enim, ſi cum poſſet manu depellere à Domino periculum, clamorem inanem elegit?* A defenſa, de que falla Ulpiano, parece deſneceſſaria ao noſſo conhe-

Leg. cum alit. 1. ff. ſenatus conſult. §. 28. pag. 748.

Ead. leg. §. 34. pag. 749.

cimento, pois vivendo o Principe taõ diſtante dos aggravos, parecem ocioſas as armas, quando he poderoſa guarda a immunidade do reſpeito. Porém no noſſo caſo, como he natural, que aquelles Principes, que ſaõ Deoſes na terra: *Ego dixi Dii eſtis*, cheguem a acabar como homens: *Vos autem ſicut homines moriemini*; vendo os illuſtres, e humildes ſervos, (ſe ſervindo a taõ grande Principe ſe naõ elevaõ todos a nobres) vendo ao Sereniſſimo Senhor Infante em perigo evidente de vida, deraõ vozes, e muy altas; porque os nobres Sacerdotes Antonios, digniſſimos Capellaens de Sua Alteza, com ſentidas preces, e vinte e dous criados do meſmo nome, com Oraçoens devotas, ſubiraõ as ſuas vozes taõ alto, porque: *Antonius eſt altitonans*, que obrigaraõ o Ceo a milagres, porque no Ceo ſe ouviraõ os clamores. Os mais tambem foraõ ouvidos, porque havendo ſemelhança no ſentimento da dor, com que receavaõ a perda, naõ eraõ diſtinctas as vozes para ſolicitar remedio ao mal. Iſto he defender a ſeu Senhor com vozes, mas eſte reverente culto nos diz, que tambem o defende-

Pſalm. 81. verſ. 6.

Rodulph. in vit. D. Anton. Pad.

fenderaõ com mãos; porque ſe, como affirma o meu Serafim Boaventura, na verdadeira acçaõ de graças, para ſer perfeita, devemos louvar a Deos com vozes, com jubilos, e obras: *Gratiarum actio eſt omnia bona à Deo data ſcire, atque pro eis eum laudare corde, voce, & opere*; eſtas ſonoras vozes, eſtes alegres jubilos, e eſte ſumptuoſo apparato, dizem, que guarde Ulpiano os ſeus Textos, pois tendo eſte Real agradecimento contrario impulſo, deve obediencias a outra diſtincta ley.

S. Bonav. opuſc. de Proceſ. Relig. cap. 7.

Aquellas vozes, que ſubiraõ taõ alto, fizeraõ, contra a ordem dos tempos, que no dia quatro de Mayo ſahiſſe o Sol do Signo Celeſte de Virgem; porque eſte foy o dia, em que, para a ſaude de hum Infante humano, ſahio das mãos da Senhora aquelle Infante Divino. Como ſó o Signo de Virgem ſe pinta com azas, a Senhora as deu ao Menino para que foſſe voando; pois lembrando-ſe, que trouxera a medicina nas azas para a infirmidade de todo o Mundo: *Orietur vobis Sol juſtitiæ, & ſanitas in pennis ejus*; naõ era bem deixaſſe de vir voando para remedio de huma

16|564

huma vida, que importa mais, que o Mundo todo. Aqui com animoſa fé, diſcorreraõ logo aquelles coraçoens afflictos, que vindo o Medico Divino a curar o enfermo Infante, era certo indicio de melhora, como affirma Santo Agoſtinho: *Ubi homo ægrotat* (*ubi homo*! Sim, para que ſe lembrem os Principes, que ſaõ homens) *& Deus curat, magnum ſanitatis, & pietatis indicium eſt.*

D. Aug. ſup. Pſalm. 147. tom. 8. pag. 1173. lit. A.

Ainda que o Menino ſabia, que as portas daquelle Real coraçaõ nunca eſtiveraõ fechadas, porque no ingreſſo dos pobres as reconheceo ſempre abertas: *Quamdiu feciſtis uni de his fratribus meis minimis, mihi feciſtis*; com tudo pedio, que lhas abriſſem, offerecendo por cauſal, que trazia a ſua cabeça coroada com aquella Celeſtial medicina, que chora a eſféra ſobre as flores, para lhes mitigar na noite as ardentes febres do dia: *Aperi mihi: : : quia caput meum plenum eſt rore, & cincinni mei guttis noctium.* A naõ ſer ſingular myſterio, lhe chamara eu obſcuro enigma. Pois naõ fora melhor pedir, que lhe abriſſem a porta por ſer Medico, ſem fazer memoria daquelle medicinal ſoc-

Matth. cap. 25. verſ. 40.

Cantic. c. 5. verſ. 2.

ſoccorro, que coſtuma mandar o Ceo para refrigerio das flores? Ora digo, que neſta amoroſa ſupplica quiz declarar o Menino, que para remedio da infirmidade trazia na cabeça a medicina: com ſingular fortuna minha o diſſe o doutiſſimo Ghislerio: *Per ros, quo caput Dei eſt plenum, ſignificari ſalutem ex eo.* Porque confórme a Verſaõ do Setenta, no capitulo vinte e ſeis de Iſaias, diz o citado Author, era aquelle doce orvalho huma efficaz medicina para os enfermos: *Quod juxta Verſionem Septuag. ros, qui à te eſt illis curatio.* E quem naõ dirá, que das virtudes do noſſo Sereniſſimo Infante fez Chriſto medicina para curar a infirmidade? Sim, e reparem como. O Medico Menino pedio, que lhe abriſſem a porta, porque as lagrimas do enfermo, a quem vinha dar ſaude o ſeu amor, as trazia por coroa na ſua Divina cabeça. Tudo parecem myſterios, mas he o que diz o doutiſſimo A Lapide, citando o Caldeo: *Quoniam capilli capitis mei pleni ſunt lachrymis tuis.* O que ſuppoſto, notem. He o noſſo Sereniſſimo Infante flor por Antonio, e he a flor chamada Coroa Imperial, como

Ghisler. cap. ut ſupra pag. 712.

A Lap. in Cantic. c. 5. de Chriſt. & Anim. Sanct.

17|564

como fica dito no principio do meu exordio; ou como Real deſcendente da Auguſtiſſima Caſa de Auſtria, ou pela ſemelhança, que ſe admira entre huma, e outra flor. Da flor Coroa Imperial diz Franciſco Raulino, que com lagrimas ſe corôa: *Quod floris hujus medulla nativis lachrymis ſit coronata*: da noſſa Sereniſſima Flor dizem tambem os pobres, que fazendo as ſuas lagrimas proprias, pelo amor, com que as recebe, as poem por coroa na ſua Real cabeça; pois he prova evidente, que alli ſe firmaõ os memoriaes, que offerecem de lagrimas, aquelle continuado ſoccorro, que nas eſmolas recebem. He pois Chriſto Divina Flor, que plantou o Padre Eterno no campo Virginal de Maria: *Ego flos campi.* E para moſtrar aos noſſos olhos o quanto eſtima aquella ſingular virtude da ſua Flor Coroa Imperial, que fazendo ſuas as lagrimas dos pobres, ſe corôa das meſmas lagrimas; ſe veſtio o ſeu amor deſtas virtudes para vir curar a Palacio: *Ego flos campi. Aperi mihi. Quoniam capilli capitis mei pleni ſunt lachrymis tuis.* E como a ſemelhança ſeja cauſa do amor, venceo o amor hum impoſ-

impoſſivel, porque fez medicina das lagrimas: *Per ros, quo caput Dei eſt plenum, ſignificari ſalutem ex eo.*

Admirado Sua Alteza com eſtas ſemelhanças, recebeo o Menino nos ſeus ditoſo braços, e, com incomparavel reſignaçaõ na vontade Divina, ſe ſacrificou rendido, a quem amante o buſcava, dizendo com a Alma Santa, em ſentir do mellifluo Bernardo: Vós, Senhor, vos daes a mim porque ſois benigno, e miſericordioſo; eu, Senhor, me dou a vós, porque a taõ alto beneficio naõ he juſto ſer ingrato: vós, Senhor, para me livrares benigno deſtas penas, eu para cuidar zeloſo da voſſa honra; vós, meu Menino, para me dares ſaude, eu para viver ſugeito à voſſa vontade: *Ille mihi quia benignus, & miſericors eſt: ego illi quia non ſum ingratus. Ille meæ liberationi: ego illius honori. Ille ſaluti meæ: ego illius voluntati.* Reconhecendo o Menino no abraço, que o nobre incendio do Regio peito ſe via opprimido com os impacientes ardores da maligna febre, procurou extinguir a voraz chamma, porque ſentia o ſeu amor o penoſo eſtrago; pois ſa-

S. Bernard. Serm. 68. in Cant.

18/564

be Chriſto transformarſe nos males, para ſentir como amante, o que padece o enfermo amado. Nunca mais opportuno o Capitulo oitavo de S. Mattheus.

Pondera a clemencia de Chriſto curando todos os enfermos, que recorriaõ por ſaude ao tribunal da ſua piedade, e explica o favor Divino com eſtas myſterioſas clauſulas: Matth. c.8. verſ. 16. *Omnes malè habentes curavit*, (notem o *curavit*) *ut adimpleretur quod dictum eſt per Iſaiam Prophetam dicentem: Ipſe infirmitates noſtras accepit, & ægrotationes noſtras portavit.* Curou Deos os noſſos achaques; e para que ſe cumpriſſe o que havia vaticinado Iſaias, recebeo tambem as noſſas infirmidades. Raro myſterio! S. Mattheus, diz que curou: *Omnes malè habentes curavit*; Iſaias affirma, que recebera: *Omnes infirmitates noſtras accepit*! He certo. Pois ſe corre tanta diſtinçaõ entre o curar a doença, e receber a infirmidade, como cura, e recebe? Reſpondo, que corre muita diſtinçaõ entre os doentes, e os Medicos humanos, mas nenhuma corre entre os enfermos, e o Medico Divino. O Medico humano recebe, e cura, porque curando

curando poucas vezes a infirmidade, ſempre que cura, abre a maõ para o que recebe. (Aparto deſte diſcurſo os ſcientificos Medicos, que aſſiſtiraõ a Sua Alteza, pois devendo eu a hum delles a ſaude em huma perigoſa infirmidade, reconheço nos mais a meſma caridade, e acerto, como nobres profeſſores de taõ ſublime Arte.) O Medico Divino, porém, para fazer os males proprios, cura, e recebe a infirmidade: *Curavit, accepit.* O Medico humano ſó com tomar o pulſo, recebe o que naõ cura; o Medico Divino tomando o pulſo, cura o meſmo, que recebe: *Curavit, accepit.* Ao Medico humano o arraſtra o intereſſe; ao Medico Divino o movem as compaixoens: *Omnes Medici pecuniis, Deus autem noſter pura oratione ad conferendam ſanitatem placatur.* S. Laurent. Juſt. cap. 2. de Orat.

Transformado aſſim o Medico Divino no noſſo Sereniſſimo Infante, ou por aquella ſemelhança entre huma, e outra flor; ou porque curava, e recebia a infirmidade: *Omnes malè habentes curavit, infirmitates noſtras accepit*, houve por bem ficar na Regia Camera, quando lhe vem eſtreito o Palacio da

19/564

Gloria, ſugeitando-ſe o ſeu amor a curar ſó a infirmidade, para que viſſemos, como affirma Verino, que nunca ſe cura o achaque, quando ſaõ muitos os Medicos:

Impediunt certam medicamina crebra ſalutem:
Non plures Medici, ſed ſatis unus erit.
Nunquam (crede mihi) à morbo curabitur æger,
Si multis Medicis creditur una febris.

No Palacio dos Reys coſtumaõ haver tres Medicos, que devem velar cuidadoſos nas moleſtias dos Principes; porque como altos deſcendentes do primeiro Rey do Mundo, tambem na ſentença de morte os comprehende a infirmidade da vida. Entre eſtes coſtuma haver hum ſuperior aos mais na ſciencia, o qual ſe intitula Principe dos Medicos: *Sunt in hoc officio tres ordinarii, & quilibet ordo habet unum, ſummum Medicum, & ſuperiorem, qui vocatur, Princeps Medicorum.* Logo juſto era, que aos Medicos da Camera preferiſſe o Medico Menino; pois ſó quem he Deos das medicinas, ſe deve intitular Principe dos Medicos; porque eſtes da ſua ſciencia

Caſſan. Catalog. Glor. mund. p. 6. conſ. 12.

cia appellaõ para a virtude das plantas; o Medico Divino recorre à virtude das ſuas palavras: *Medicus dicitur Chriſtus Salvator noſter, qui curat verbis, non herbis.* Mas entendo, que neſta occaſiaõ curou Chriſto a infirmidade de huma Flor humana com a fragrancia de Divinas flores. Já que o milagre do Euangelho foy de hum ventre Bemaventurado, vamos a buſcar o noſſo milagre ao Bemaventurado ventre. Lauret. Syl. Alleg.

Diz a Eſpoſa nos Cantares, Imagem deſta Senhora, que o ſeu leito he hum jardim florîdo: *Lectulus noſter floridus.* Porém ſe nunca admitte deſcanço o ſeu amor, como tem taõ exaltado o ſeu leito? Para que o Medico Chriſto da virtude das flores faça medicinas para as noſſas infirmidades. O leito, em que Chriſto nove mezes deſçançou, foy o ventre Bemaventurado de Maria: *Lectulus, in quo Chriſtus novem menſibus requievit, & quaſi dormivit, fuit uterus Beatæ Virginis.* Deſte ameno Jardim, que com mil graças plantou o Altiſſimo, ſahio Chriſto, Divina Flor, para applicar aos neceſſitados enfermos Celeſtiaes medicinas. As flores, diz Hugo Victo- Cant. c. 1. verſ. 15. Guiliel. Par. apud A Lapid. in Cant. cap. 1. v. 6.

20/564

Victorino, nos communicaõ a ſuavidade da fragrancia, offerecem a belleza dos frutos, e recreaõ o goſto com o doce do favo: *In*

Hug. Victor. Miscel. 2. *ſ... itaque eſt mellificatio, ex flore fructificatio, ex flore favus, & fructus.* E parecendo pouco para a Divina Flor, de quem fallo, accreſcento, que deſtas flores naſce para os enfermos a medicina, e deſta medicina o beneficio da ſaude: *Si parva ſunt, iſta addo: quòd ex hoc flore medicamenta, ex hac medicina ſanitas ſempiternæ incorruptibilitatis.* Oh Flor Divina, ò quanto podes! Oh Medicina Soberana, e ò quanto aproveitas! Oh Jardim Bemaventurado, como ſaõ virtuoſas as tuas flores! Oh flor milagroſa, pois ſaõ medicinaes as tuas fragrancias! Daquelle Jardim materno diſſe o Eſpoſo, e juntamente Filho, que eſtava guarnecido de candidas aſſu-

Cant. cap. 7. nas: *Venter tuus ſicut acervus tritici, vallatus liliis.* Porque aſſim como a aſſucena tem ſingular virtude para mitigar as dores, e extinguir as febres, como diz Ricardo de S. Lourenço; aſſim a Puriſſima Senhora nos ſoccorre, e fortalece nas noſſas tribulaçoens, e perigoſas infirmidades: podendo dizer o neceſſitado

ceſſitado Infante, com o Rey penitente: A' medida, Senhora, das minhas dores, me veyo o ſoccorro das voſſas medicinas: *Sicut lilium dolores mitigat, & ardores extinguit, ſic Maria precibus ſuis mitigat dolores animæ, conſolationes gratiæ transfundendo in eam, ut ei veriſſimè poſſit dici: Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo conſolationes tuæ, ò Maria, lætificaverunt animam meam.* Richard. à S. Laurent. lib. 2. de laudib. Vir.

Arraſtrava a Corte de Jeruſalem ſentimentos por lutos, pois deſprezando as medicinas na violencia do achaque, ſe multiplicavaõ as dores, por naõ ter remedio a infirmidade: *Dolor meus ſuper dolorem.* No monte de Galaad lhes advertia o Profeta, que havia balſamo para as chagas, e havia Medico para as febres: *Nunquid reſina* (*nunquid balſamum*, verte o Chaldeo) *non eſt in Galaad, aut Medicus non eſt ibi?* Mas ſendo declarado freniſi o enſurdecer na febre aguda, como diz Hyppocrates: *In acuta febri aures ſurdeſcere furioſum eſt*; como naõ ouviraõ as vozes do Profeta, ficou ſem remedio o ſeu mal. Diſtincta era a infirmidade da noſſa, pois procedendo aquella do veneno de idolatrias, Jerem. c. 8. verſ. 18.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Biblioteca Central

21/564

trias, negando o culto ao Sagrado; neſta populoſa Corte reſplandece tanto o reverente culto ao Divino, que ſe he Roma a Cabeça do Mundo, he hoje Portugal huma nova Roma. Mas ſendo taõ diſtinctas as cauſas, corriaõ ſemelhança os effeitos. Todos diziamos: *Dolor meus ſuper dolorem.* Sobre a dor de ver enfermo o noſſo Sereniſſimo Infante, creſce outra dor, porque naõ lhe aproveitaõ as medicinas. Pois vamos a Galaad, vamos a buſcar balſamo para defenſivo da vida, e naõ para ornato do corpo, como diſcorria, naõ ſey ſe a pena, ſe a ignorancia. Vamos a eſſe monte por Medico: *Aut Medicus non eſt ibi?* que ouvindo os noſſos clamores, ha de correr o balſamo, ha de voar o Medico para applicar a medicina: *Nunquid balſamum non eſt in Galaad, aut Medicus non eſt ibi?* Mas parece ouço dizer, que ſendo Maria o puro, e delicioſo balſamo, como affirma Ricardo de S. Lourenço: *Balſamum, non mixtum, ſed puriſſimum, quia nunquam habuit contrarietatis mixtionem*; naõ curou o balſamo, porque ficou neſte Real ſitio a Senhora; curou ſim o Medico, pois foy para Pala-

Richard. à S. Laurent. lib. 12. de laud. Virg.

Palacio o Menino. Ora digo, que ſe Marcella louvou o milagre do Filho na virtude da Mãy: *Videns Chriſti beneficentiam in hominem, laudat eum in Matre ſua.* Demos graças à Soberana Mãy na Divina virtude do Filho. E reparem como.

Fez o Eſpoſo hum vivo retrato das perfeiçoens da Eſpoſa, e ſendo juſta a correſpondencia, retratou a Eſpoſa a formoſura do Eſpoſo. E he certo, que nos raſgos do pincel andou a Eſpoſa mais advertida, porque retratando com miudeza as perfeiçoens todas do Eſpoſo, naõ retratou o Eſpoſo as mãos da Eſpoſa. Parecendo deſcuido da primoroſa arte, foy ſábio deſtino da alta Providencia. Retrata a Eſpoſa, he verdade, as mãos do Eſpoſo, mas naõ retrata o Eſpoſo as mãos da Eſpoſa; porque ſendo o Eſpoſo Chriſto, e ſendo Maria a Eſpoſa, ſeria ocioſo retratarlhe as mãos, quando eſtas ſe viaõ no meſmo retrato do Eſpoſo: naõ ſó porque as medicinas para os noſſos achaques as manda Deos por mãos de Maria, naõ podendo diſtinguir a noſſa fé, que mãos nos fazem o favor; mas tambem porque Filho, e Mãy ſe

identificaõ para naõ haver deſemelhança na linha dos ſeus favores: *Habitat Deus cum Virgine, habitat cum illa, cum qua unius naturæ habet identitatem.* O que ſuppoſto naquelle modo, com que o devemos entender, notem.

S. Petr. Damian. Serm. 1. de Nativ. B. Virg.

As mãos do Eſpoſo diz a Eſpoſa, que eſtavaõ cheyas de jacinthos: *Manus ejus: : : plenæ hyacinthis.* O jacintho, em quanto precioſa pedra, tem a ſingular virtude de dar vigor aos eſpiritos, provocar o enfermo a ſomno, apartar do coraçaõ a triſteza, e ſervir de medicina ao mal contagioſo: *Dat vigorem membris, ſomnum provocat, triſtitiam fugat; & qui illum fert, peſtilentia non inficitur.* Eſte he o jacintho em quanto pedra precioſa; e o effeito deſtas virtudes o experimentou o noſſo Sereniſſimo Infante nas mãos do Menino Eſpoſo. O jacintho em quanto flor, ſabem os erudîtos, que tem nas ſuas folhas eſcrito hum *Ay: Hyacinthus eſt flos coloris violacei; ita diſcurrentibus venis, ut figura Græcarum litterarum Ai legatur inſcripta.* O' Medico Soberano, que naõ ſe ſatisfez o voſſo amor com levar nas mãos a confeiçaõ dos jacinthos

Plin. apud Caſt. illat. 19. num. 5. fol. 289.

Vieg. in Apoc. cap. 9. comm. 3. Sect. 5.

cinthos para curar a infirmidade, ſem moſtrar, que recebeſtes os ays para a promptidaõ do remedio. Chegou pois o Medico Divino, e tomando o pulſo com ays, às compaixoens da queixa ſe ſeguio remedio à infirmidade. E quem naõ dirá, que neſtes bellos jacinthos eſtava tambem Maria? He certo: porque affirma o meu doutiſſimo Carthagena, haver certa eſpecie de jacinthos, que nas ſuas folhas debuxou o Author da natureza huma Soberana Rainha, porque com myſterio coroada: *In quodam flore, mirabili hyacintho, mulier turribus coronata.* Logo quando voa o Medico de Galaad a curar o noſſo Sereniſſimo Infante, corre tambem o balſamo como Imagem de Maria; porque ſendo humas meſmas as mãos para a virtude da medicina, naõ ſaõ diſtinctos os Authores para o beneficio do milagre: *Manus ejus plenæ hyacinthis. Habitat Deus cum Virgine, habitat cum illa, cum qua unius naturæ habet identitatem. Nunquid balſamum non eſt in Galaad, aut Medicus non eſt ibi?* E que para huma, e outra virtude, e para humas, e outras medicinas de Filho, e Mãy, appellaſſe Sua Al-

Carthag. in Mar. lib. 1. hom. 14.

teza, quando, com intima dor dos ſabios Medicos, ſentenciado à morte, ſe prova com evidencia.

Adoece a flor Gyraſol com malignas febres no Real jardim das flores, imitando naquelle circulo da dourada coroa o reſplandor do Sol, que lhe deu vida. E ao cahir em triſtes deſmayos, porque o permitte o Sol com os ſeus retiros, diz de ſi em pluma de Picinelo, que enfermando com ſinaes de morte, porque ſe inclina para o Occaſo, eſpera no Oriente do Sol receber alentos para a vida: *Heliotropium, languente capite, vultu in Solem occiduum converſo, epigraphen habet*: *CUM SOLE RESURGAM.* Na perigoſa infirmidade, que padeceo o noſſo Sereniſſimo Infante, Flor, que gyra com o Sol, porque ſegue amante os paſſos da ſua luz; appellou para o Oriente de Maria, que he o ſeu ventre Bemaventurado, porque alli naſcendo o Sol com medicinas: *Orietur Sol, & ſanitas*, havia de ter remedio a infirmidade, levantando-ſe com o meſmo Sol agradecido: *CUM SOLE RESURGAM.* Para prova daquella firme eſperança, conſultemos a infirmidade de hum Principe. En-

Picinel. l. 11. num. 78.

Enfermou com perigo de morte o Principe Ezechias, e para obrigar o Ceo a milagres, pedio, e rogou ao Sol Divino, ſe lembraſſe daquelle puro, e Real affecto, com que ſempre o havia ſeguido, obrando em toda a ſua vida, o que conhecia ſer do ſeu agrado: *Obſecro ergo, memento quæſo, quomodo ambulaverim coram te in veritate, & in corde perfecto, & quod placitum eſt coram te, fecerim.* 4. Reg. cap. 20. verſ. 3. & ſeq. Ordenou Deos ao Proféta Iſaias, que viſto ſaber o que cuſtavaõ os ays, vieſſe a curar quem ſe eſtava queixando. Entrou o Proféta Medico à Real Camera do Principe, e aſſegurandolhe a ſaude para a infirmidade, lhe prometteo quinze annos para a vida: *Ecce ſanavi te, & addam diebus tuis quindecim annos.* E qual he o ſinal, perguntou o Principe enfermo, com que heide acreditar a merce da ſaude, e o favor da vida prolongada: *Quod erit ſignum, quia Dominus me ſanabit?* Quereis, diz Iſaias, que, contra a natural ordem, corra o Sol dez linhas para o Occaſo, ou que as retroceda para o Oriente: *Vis ut aſcendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus?* Que corra para o Orien-

34|564

Oriente diz o enfermo, como em figura do noſſo caſo: *Ut revertatur retrorſum decem gradibus.* Porque ſe o Sol no Oriente, onde naſce, tem para os enfermos medicina; naõ quero carreiras para o Occaſo, que ainda com milagre ſaõ ſombras da morte: quero voos para o Oriente, que ſaõ eſperanças para a vida: *Ut revertatur retrorſum decem gradibus.*

Para o Oriente do Sol appellou o Principe Ezechias, e com ſingular myſterio. He o Oriente do Sol a luzida Aurora, e he a Aurora expreſſa Imagem de Maria. Daquelle Oriente ſahio à luz o Divino Sol, cheyo de remedios para os noſſos achaques, porque he a Aurora toda medicinas; como diſſe deſta Senhora o meu Fr. Bernardino de Buſtos, ſeu eſpecialiſſimo devoto: *Aurora, per quam infirmi recipiunt animæ, & corporis ſanitatem.* Pois venha, corra, e retroceda o Sol para o Oriente, diz Ezechias com firme eſperança, e animoſa fé: *Ut revertatur retrorſum decem gradibus.* E quando com o Sol me levante: *CUM SOLE RESURGAM*; qual flor Gyraſol, que ſegue amante a ſua luz, como já

Bernardin. de Buſt. Ser. 2. de Aſſimilat. B. Mar.

já repreſentey ao meſmo Divino Sol: *Memento, quæſo, quomodo ambulaverim coram te in corde perfecto*; tantas graças darey ao Oriente, que deu medicinas ao Sol, como ao Sol, que dá ſaude no Oriente: *Ut revertatur retrorſum decem gradibus.* Logo ao Oriente do Sol, e ao meſmo Sol, porque a Chriſto, e Maria, deve a noſſa obrigaçaõ a ſaude de Sua Alteza; e ao meſmo Sol no Oriente devemos render muitas graças por taõ alto beneficio: imitando a devota Marcella, que por hum milagre de ſaude rendeo graças ao Filho, elogiando juntamente a Mãy: *Beatus venter, qui te portavit. Videns Mulier Chriſti beneficentiam in hominem, laudat eum in Matre ſua.* E eſte ſegundo empenho he a neceſſaria conſequencia do noſſo aſſumpto.

§. II.

DIz o Proféta Iſaias, que no Monte de Siaõ, e populoſa Corte de Jeruſalem, ſe ouviriaõ altas vozes de louvor, e que com exceſſivo goſto, e alegria ſe havia de celebrar huma acçaõ de graças: *Gaudium, & lætitia inve-* Iſai. cap. 51. verſ. 3.

25|564

invenietur in ea, gratiarum actio, & vox laudis. Porém ſe todo o agradecimento ſuppoem favor, qual ſeria o favor para aquelle agradecimento? Hum milagre de ſaude, diz Deos pelo ſeu Profeta: *Salus autem mea in ſempiternum erit.* E quem naõ dirá, que foy aquella acçaõ de graças hum cryſtallino eſpelho, no qual contempla eſte agradecimento a ſua eſpecial formoſura? He certo. O goſto, e alegria, com que taõ nobres coraçoens ſe uniraõ para eſte reverente applauſo, ſe deixa bem ver neſtas finas demonſtraçoens: *Gaudium, & lætitia invenietur in ea.* As vozes de louvor, ou ſaõ as de Marcella: *Extollens vocem quædam mulier*; ou a doce, acorde, e ſuave harmonia, com que a Chriſto, e a ſua Santiſſima Mãy ſe cantaõ hoje as glorias: *Et vox laudis.* E todo eſte goſto, e alegria, ſonoras vozes, e reverente applauſo, ſumptuoſa pompa, e maravilhoſo culto, contaõ, e dizem de ſi, que compoem huma acçaõ de graças: *Gaudium, & lætitia invenietur in ea gratiarum actio, & vox laudis.* E de novo pergunto: quem move eſtes coraçoens para taõ rendido ſacrificio? A melhora de huma infirmida-

Ibi. verſ. 6.

mida-

midade, e a certa eſperança de huma ſaude promettida: *Salus autem mea in ſempiternum erit.* Eſperança certa, diſſe? Sim. Porque ſe Deos nos pede a acçaõ de graças, para que obrigada a Divina correſpondencia ſe digne o ſeu amor continuar beneficios, como affirma o Chryſoſtomo: *Ut per illam ipſam gratiarum actionem ad ampliora danda provocetur*; naõ devemos deſconfiar da promeſſa da ſaude, quando neſta rendida acçaõ de graças obrigamos o ſeu amor a finas correſpondencias. Chryſ. hom. 52. in Gen.

He Maria o ſublime, e elevado Monte de Siaõ, no qual ſe dignou habitar o Creador do meſmo Monte: *Mons Sion, & pinguis, in quo beneplacuit Deo habitare.* A eſte Monte, e a quem nelle habita, porque a Chriſto naquellas puriſſimas Mãos Sacramentado, ſe rendem hoje muitas graças por favores infinitos. E ſendo divida da noſſa obrigaçaõ imitar a Marcella nos louvores, he juſto tambem, que a imitemos no affecto. Porque, como diz o douto Padre Villarroel, ſe deſejamos ter a Senhora propicia para os noſſos achaques, ſoccorrendonos ſem demora nas noſſas tribulaçoens; he neceſſario elogiar o Andr. Cret. Orat. 3. de Dormit. B. Virg.

26|860

ſeu alto merecimento, louvando com intimo affecto as ſuas grandes prerogativas: *Semper laus noſtra prompta, & Virgo ſemper benefica; quæ dum illa lingua laudat, animas pretioſis muneribus continuò ditat.* Imitemos tambem ao Principe Ezechias, que com fervoroſo affecto, e profunda veneraçaõ, ſubio de preſſa ao Templo a render graças ao Medico Divino, porque em huma infirmidade de morte, lhe deu mais annos para a vida: *Et ſic Ezechias aſcendit in Templum ad reddendum gratias de ſua ſanatione.* E ſe todos ſentimos como propria a infirmidade, imitemos ao noſſo Sereniſſimo Infante quando enfermo, naquella incomparavel reſignaçaõ, e ſigamos os ſeus paſſos quando melhorado, naquelle Real agradecimento.

Villar. Tautol. 6. Did. 18. num. 1.

Lyra in lib. 4. Reg. c. 20.

Na infirmidade ou anticipava Sua Alteza as graças ao beneficio da melhora, ou ſe moſtrava agradecido ao martyrio da infirmidade; porque repetidas vezes dizia ao ſeu Medico Menino: *Senhor, ſe he vontade voſſa, que eu padeça eſtas dores, muitas graças vos dou pelo tormento, que paſſo.* Oh nobre eſpirito, que enamorado da chamma, naõ ſentes o abraſarte!

te! Neſta amoroſa reſignaçaõ imitou S. Alteza ao meu Serafim Patriarcha, querendo como amante, e Real filho, ſeguir o exemplo de taõ Santo, e illuſtre Pay. He certo: porque naquellas dores, que algumas vezes padecia, como achaque proprio de homem, e naõ por caſtigo de culpado, lhe ouviaõ dizer: Muitas graças, Senhor, vos dou por eſtas dores, que ſinto; e ſe he vontade voſſa, que eu aſſim padeça, multiplicay para mayor tormento as penas, e affligime com novas dores; porque vendo ſatisfeita a voſſa vontade, he que podem ter alivio os meus tormentos. Naõ ignoro, que o dizem os Chroniſtas da minha eſclarecida Ordem; mas cito ao doutiſſimo Padre A Lapide, por deverem os voos daquelle abraſado Serafim ſingular eſtimaçaõ à ſua elevada penna: *Gratias tibi ago, Domine Deus, de omnibus his doloribus meis, teque, mi Domine, rogo, ut centuplum, ſi tibi placuerit, addas, quia hoc erit mihi acceptiſſimum, ut affligens me dolore, non parcas, cum tuæ Sanctæ voluntatis adimpletio, ſit mihi conſolatio ſuperplena.* Eſtas eraõ as graças, que dava o noſſo Sereniſſimo Infante,

A' Lap. in Eccl. c. 38. verſ. 9.

quando enfermo, ajuſtando-ſe tambem ao conſelho de Santo Agoſtinho, pois diz, que devemos dar graças na proſperidade da ſaude, e nas tribulaçoens da infirmidade: *Diſcite gratias agere Deo in proſperitatibus, & in tribulationibus.* E ſendo eſtas as graças no tormento da infirmidade, vejamos as graças, que deu no goſto da melhora; para que ſeguindo a noſſa obrigaçaõ os ſeus paſſos, ſeja hoje completo o noſſo agradecimento.

D. Aug. ſup. Pſalm. 32. ant. med. verſ. 3.

A flor Gyraſol, quando o Sol lhe reſtitúe a ſaude, agradecida ſe converte no reſplandor da ſua luz, com eſta letra: *AB ILLO PENDENS, IN ILLO ORA CONVERTO*; viva imagem de huma Alma Santa, e devota, que pelas graças, que tem recebido do Sol Divino, toda ſe dedica em acçaõ de graças ao meſmo Divino Sol: *Animam Sanctam hic typus deſcribit, quæ gratias à Deo acceptas in memoriam revocans, vitam ſuam omnem in ſuis obſequiis devovet.* Naõ neceſſitando o noſſo Sereniſſimo Infante de preceitos, porque todos os paſſos da ſua ajuſtada vida ſaõ Reaes agradecimentos ao favor do Divino Sol, recebeo como aviſo, o

Picinel. Mund. Symb. lib. 11.

que

que eſcreve S. Paulo por conſelho: *Ut ambuletis dignè, Deo per omnia placentes.* Os paſſos da flor melhorada devem ſempre buſcar ao Divino Sol, e ao Oriente, donde naſce, que he a luzida Aurora; porque eſte nobre ſacrificio he huma verdadeira acçaõ de graças pelos favores recebidos: *Ut ambuletis: hoc eſt, glorificare Deum, gratias agere Deo. Quis autem gratias agit Deo, niſi, qui ſurſum cor habet ad Dominum?* Para eſta Real Capella, Throno, em que preſide a Senhora das Neceſſidades, Aurora, de quem naſceo o Divino Sol de juſtiça, inclinou Sua Alteza o Real coraçaõ, moſtrando-ſe com o Sol agradecido. Veyo logo, como ElRey Ezechias, ao Templo; e aqui proſtrando-ſe, como humilde Vaſſallo, a quem reconhece o ſeu amor por ſoberana Rainha, rendeo com intimo affecto as graças por haver naquellas mãos encontrado a medicina. E para que mais avultaſſe o ſacrificio, com o Real coraçaõ, que conſagrou aos pés da Senhora, reſtituîo nos ſeus braços o Medico Menino, enlaçando os triſtes affectos de ſaudoſo com as finas demonſtraçoens de agradecido. Imitemos pois aquelle

Coloſ. cap. 1. verſ. 10.

D. Aug. ibi. Serm. 21. de Diverſ. c. 4.

aquelle Real agradecimento, porque aſſim como a flor Gyraſol ſegue amante o Sol material, aſſim devemos imitar, e ſeguir as virtudes de hum Principe, que ſe moſtra agradecido ao Divino Sol: que tudo diſſe Picinelo: *DIRIGOR AD MOTUM, VEL QUOCUMQUE IERIS. Nam, veluti Heliotropium ad Solis motum, ita populares ſemper in Principum mores, verti, atque formari.*

Panormit. lib. 2. c. 44. apud Pic.

O Angelico Doutor S. Thomaz fez diſtinçaõ de duas medicinas. Huma, que ſe deve dar para a conſervaçaõ da ſaude, outra, que ſe applica para remedio da infirmidade; porque aquella medicina, que ſe applica aos convalecentes depois da febre, ſeria nociva, ſe a deſſem aos febricitantes: *Nam medicina, quæ datur jam liberatis à febri ad confortationem, noceret ſi daretur adhuc febricitantibus.* Corra eſſa firme pratica entre outros Medicos; porém naõ corra entre os Authores da Medicina. Houve medicina para a ardente febre do noſſo Sereniſſimo Infante, porque os Soberanos Medicos Chriſto, e Maria extinguiraõ a actividade do incendio. Pois venha outra medicina, que em todo o tempo aproveita,

Div. Thom. 3. p. quæſt. 80. art. 4.

veita, na febre, e depois da febre. E qual he? A que compoem os cordeaes affectos de huns ſervos, neſta acçaõ de graças, que hoje offerecem pelas melhoras de hum Senhor, que como bom Principe, he pay: *Bonus Princeps nihil differt à bono patre.* E como aqui ſe elevaõ a ſegundos Medicos, parece que com elles fallou o ſábio Rey Salamaõ, quando diſſe, que para os Medicos conſeguirem a ſaude para os ſeus enfermos, e para que aproveitem as medicinas, que applicaõ, devem rogar, e pedir a Deos as melhoras: *Ipſi verò Dominum deprecabuntur ut dirigat requiem eorum, & ſanitatem.* A ſaude a pedem quando agradecem, e por boca do Chryſoſtomo todos agradecem, e pedem. Notem.

Xenoph.

Eccleſ. c. 38. verſ. 14.

Gratias Deo agamus, qui tanta apud nos beneficia collocavit. Demos muitas graças a Deos, e a ſua Santiſſima Mãy, e Senhora noſſa, porque com as melhoras do noſſo Sereniſſimo Infante nos enriqueceo o ſeu amor com eſpeciaes beneficios: *Neque enim grave aliquid, & oneroſum à nobis requirit, ſed ſolùm ut teſtemur beneficia ſua.* Nada, que ſeja penoſo, nos pede, pois ſó pertende, que a noſ-

D. Chryſ. homil. 10. in Geneſ.

ſa

ſa obrigaçaõ confeſſe em altas vozes, dever ao ſeu infinito amor a conſervaçaõ daquella vida: *Nam ſic ipſum ad maiorem noſtri ſolicitudinem provocabimus.* Porque aſſim, conclue o Santo, he certo, que para o noſſo aſſumpto, obrigaremos a Mageſtade Divina a hum novo, e eſpecial favor, que he dar ao noſſo Sereniſſimo Infante huma ſaude perfeita, concedendolhe por Neſtorios annos a vida. E particularmente diga cada hum por ſi: *Gratias ago ei, qui me confortavit, Chriſto Jeſu Domino noſtro, quia fidelem me exiſtimavit ponens in miniſterio.* Rendo graças a meu Senhor Jeſu Chriſto, porque me confortou naquelle martyrio de tantas penas, em que foy cruel verdugo hum juſto receyo. Dou tambem muitas graças a Maria Santiſſima, ſua ditoſa Mãy, porque ſe com a falta de Sua Alteza, perdia a gloria de o ſervir, olhando para a fidelidade do meu amor, continúa a minha obrigaçaõ em taõ honroſo miniſterio: *Quia fidelem me exiſtimavit ponens in miniſterio.* E todos, aproveitandonos da occaſiaõ, que offerece liberal a nobre companhia, damos tambem muitas graças. Os

1. Ad Timoth. c. 1. v. 12.

Sacer-

Sacerdotes pelo reſpeito, e veneraçaõ ao Eſtado Eccleſiaſtico. Os Grandes da Corte por aquella affabilidade no trato, que coſtuma diſpenſar o amor, ſem offenſa da ſoberania. Os Cabos de Guerra pelo affecto, que reconhecem à milicia; e os que ſaõ peritos na arte pela eſtimaçaõ das peſſoas. As Religioſas pobres pelo continuado ſoccorro de alimentos. Os pobres Aldeanos pelo beneficio das eſmolas; pois naquelle goſtoſo divertimento da caça, naõ abre Sua Alteza os olhos no boſque para a morte das féras, ſem os haver aberto no campo para a vida dos pobres. Todos finalmente, imitando a diſcreta Matrona do Euangelho, damos infinitas graças aos Soberanos Medicos Chriſto, e Maria, porque em huma infirmidade de morte applicaraõ remedios para a vida: *Beatus venter, qui te portavit. Videns Chriſti beneficentiam in hominem, laudat eum in Matre ſua: per Virginem enim, omnia nobis ſalutaria, ac benefica.* E ſe do Signo Celeſte de Virgem ſahio o Sol Divino a curar o noſſo Sereniſſimo Infante, e com natural propriedade vemos hoje ao Sol Sacramentado no

meſmo Celeſte Signo; juſto he, que tambem demos graças àquelle Divino Sol.

Com grande acerto, e ſingular myſterio retrataraõ os Egypcios o Signo Celeſte de Virgem. Nas delicadezas do pincel moſtravaõ huma formoſiſſima Virgem, ſuſtentando nas ſuas mãos, douradas eſpigas de trigo. Sendo eſte retrato commum entre os Aſtrologos, lhe chamey myſterioſo entre os Egypcios, pelo ſingular motivo, que os preciſou ao retrato, (notem) para que aquelles, que eſperaſſem algum beneficio do Deos Mercurio, o viſſem nas mãos da Virgem collocado: *Virgo pulchra geminas manu ſpicas habens : : : ut ſi quis expectet à Mercurio beneficium, collocare eum in Virgine debeat.* O que ſuppoſto, tenho lugar para dizer, e digo: He aquella Puriſſima Senhora o Signo Celeſte de Virgem, porque alli a vemos com as eſpigas do Sacramento nas mãos: *Spica Euchariſtia eſt, eaque purpurea*; que diſſe Bivero. E como a Mercurio, no ſentir de muitos, e graves Authores, ſe attribúe o invento da medicina; parece quizeraõ dizer os Egypcios, que os enfermos, que eſperaſſem ſaude para os ſeus acha-

Marſil. Ficin. apud Villar. Tautolog. 1. n. 58. tom. 6.

Bivero. De Euchar. Diſſert. 3. q. 59.

Teat. de los Dioſes. t. 1. pag. 538.

achaques, foſſem às mãos da Virgem a buſcar as medicinas: *Ut ſi quis expectet à Mercurio beneficium, collocare eum in Virgine debeat.* E como das puriſſimas mãos de Maria, como deixo ponderado, veyo a ſaude para o noſſo Sereniſſimo Infante, e nas ſuas mãos vemos o Sacramento, que he todo medicinas; demos tambem graças ao Diviniſſimo Sacramento.

Naquella Soberana Hoſtia vemos com os olhos da Fé huma rendida acçaõ de graças; e nella, diz o Chryſoſtomo, nos deixou Chriſto hum ſoberano exemplo, para que a noſſa correſpondencia ſe moſtre ſempre agradecida: *Gratias egit antequam Diſcipulis daret Corpus, ſcilicet, & Sanguinem, ut etiam nos ab actione gratiarum incipiamus.* E pergunto: eſtamos hoje obrigados a render graças a Chriſto no Sacramento, porque ſendo o homem humilde Vaſſallo, o eleva naquelle Throno à ſuprema dignidade de Rey, como diz o meſmo S. Joaõ Chryſoſtomo: *Qui hujus Sanguinis ſunt participes, ipſam Regiam ſtolam induti, imò ipſum induti ſunt Regem?* He certo: porque vendo taõ exaltada a noſſa humildade, he divida da noſſa obrigaçaõ hum

Chryſ. hom. 83. apud Eſcob.

Idem. hom. 45. in Joan.

31/564

perpetuo agradecimento. Mas com tudo, como os milagres tem linguas eloquentes, em penna de Agoſtinho: *Habent enim miracula linguam ſuam*; falle, conte, e diga o noſſo milagre, porque damos hoje graças ao Diviniſſimo Sacramento. Porque he Chriſto no Sacramento, diz em voz do milagre o meu doutiſſimo Haye, huma Celeſtial medicina, que cura os noſſos achaques: *Euchariſtia medicina infirmitatibus hominum convenientiſſima.* Logo ainda que a noſſa obrigaçaõ nos preciſe a render graças a Chriſto no Sacramento, porque nos veſte de Divina purpura, conſtituindonos na ſuprema dignidade de Reys: *Imò ipſum induti ſunt Regem*; diz o noſſo milagre, que he pelas melhoras do noſſo Sereniſſimo Infante. Pois querendo a infirmidade converter a ſoberana purpura em triſtes mortalhas, acudio a purpura do Sacramento a defenderlhe a vida: *Medicina infirmitatibus convenientiſſima.* E ſe he digno de louvor o Medico, que cura de graça, como diz Hugo Cardeal; muitas graças merece, quem do ſeu proprio ſangue compoem as medicinas: *Laudabilis eſt Medicus, qui gratis ſanat:*

D. Aug. Tract. 24. in Joan.

Joan. Haye in Gen. c. 6. verſ. 3.

Hug. Card. ſup. Luc. c. 19. pag. 246. col. 4. t. 6.

nat: ſuperlaudabilis, qui de ſuo ſanguine conficit medicinam. Mas que louvores? pergunto eu. Os de Marcella: *Beatus venter, qui te portavit.* Porque ſendo aquelle Sacramento fruto do Sol, e da Lua: *Nam Euchariſtiæ cibus, fructus, & pomum eſt Solis, ac Lunæ*; devemos louvar ao Divino Sol Chriſto, medicinal fruto do ventre de Maria; e a Soberana Lua, que encheo de medicinas o Divino fruto. Para que ſendo ſem limite os noſſos louvores, ſejaõ infinitas as ſuas graças, que nos aſſeguraõ por eſte nobre agradecimento, com a ſaude temporal, o premio da vida eterna: *Ad quam nos perducat. Amen.*

Arcon. in c. 3. Iſai. diſc. 5. num. 6.

Rectum Deo, ſiniſtrum autem mihi.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
23-8-942
3.320

32|564